

ELEMENTOS DE INTERTEXTUALIDADE NA PROSA FICCIONAL DE GLAUCO MATTOSO

Intertextuality elements in Glauco Mattoso's fictional prose

Elementos de intertextualidade en la prosa ficcional de Glauco Mattoso

Wilton Barroso Filho

Doutor em Epistemologia pela Universidade de Paris VII, Professor Associado, Universidade de Brasília, Departamento de Filosofia e Programa de Pós-graduação em Literatura.

E-mail: wbf@unb.br

Ana Paula Aparecida Caixeta

Doutoranda em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília. É mestre, também em Literatura (UnB). Graduada em Letras (ICSH/CESB) e Artes Plásticas (UnB).

E-mail: caixetaanapaula@yahoo.com.br

RESUMO

Apresentamos, neste texto, elementos sobre a intertextualidade que presente na prosa ficcional de Glauco Mattoso. Convencidos de que o diálogo de textos é algo recorrente em suas produções, seja em prosa ou em verso, nos foi possível levantar indícios de como as relações intertextuais sustentam o discurso sexual adotado por Mattoso e, por conseguinte, como o intertexto solidifica e ampara o projeto estético desse escritor, fornecendo-lhe credibilidade junto ao leitor.

Palavras-chave: intertextualidade; Glauco Mattoso; discurso sexual; credibilidade.

ABSTRACT

We present, in this text, elements on the intertextuality present in Glauco Mattoso's fictional prose. Convinced that the dialog of texts is something recurrent in his productions, be them in prose or in verse, it was not possible to raise evidences of how the intertextual relations sustain the sexual speech adopted by Mattoso and, thus, of how the intertext solidifies and supports the esthetical project of this writer, granting him credibility to the reader.

Keywords: intertextuality; Glauco Mattoso; sexual speech; credibility.

RESUMEN

Presentamos, en este texto, elementos sobre la intertextualidade que presente en la prosa ficcional de Glauco Mattoso. Engreidos de que el diálogo de textos es algo recorrente en sus producciones, sea en prosa o en verso, nos fue posible levantar indicios de como las relaciones intertextuais sostienen el discurso sexual adoptado por Mattoso y, así pues, como el intertexto solidifica y ampara el proyecto estético de ese escritor, suministrándole credibilidad junto al lector.

Palabras clave: intertextualidad, Glauco Mattoso, discurso sexual, credibilidad.

Introdução¹

Paulistano nascido em 1951, Glauco Mattoso é portador de glaucoma congênito, reverberando essa condição por meio da literatura. Tendo por nome de registro Pedro José Ferreira da Silva, o escritor utiliza o “heterônimo” Glauco Mattoso como um “autoescárnio” da sua cegueira – situação que ocorreu por volta de 1990. A escolha do heterônimo apresenta duas justificativas interessantes: a primeira porque o autor é portador de glaucoma, o que lhe torna um glaucomatoso e a segunda, por ser fã e seguidor poético de Gregório de Matos de onde subtrai o segundo nome, Mattoso. Desse modo, para compor o nome, pelo qual será reconhecido como escritor, une as duas características e cria uma nova identidade, Glauco Mattoso.

A escolha por um heterônimo é a maneira que o autor encontrou para driblar a condição de cego e se utilizar beneficentemente deste infortúnio. Mattoso decide que a literatura é a maior aliada de si e, numa entrega total, cria um personagem que assume sua identidade por completo. Essas ações lhe permitem transpor para o texto literário, o que, no contexto social, seria ocultado, negligenciado e criticado. Isso porque, por meio da própria escrita, tanto em prosa quanto em verso, o poeta depõe contra si fatos extremamente íntimos, expondo-os de maneira crua, envolvidos por um discurso sexual, com característica confessional.

Aqui, abordaremos, especificamente, os textos do autor caracterizados por uma escrita em prosa. São eles: *Manual do podôlatra amoroso: aventuras e leituras de um tarado por pés*, romance autobiográfico publicado em 1986 e reeditado, com textos adicionais, em 2006; *As aventuras de Glaucomix, o pedôlatra*, HQ produzido em parceria com o desenhista Marcatti, publicado em 1990; *A planta da donzela* (2005), que consiste numa paródia do romance *A pata da gazela*, de José de Alencar; *Contos hediondos* (2008), e *Tripé do tripúdio e outros contos hediondos* (2011).

Glauco Mattoso possui um número extenso de obras publicadas, com destaque, atualmente para a criação de sonetos. É importante comentar, também, que este autor

é formado em biblioteconomia. Sua opção de formação acadêmica não ocorre de modo aleatório. Em diversos contextos, o escritor afirma que leu freneticamente o máximo que podia, com a previsão de ausência de visão, numa intenção de guardar na memória o maior número de obras visitadas. Nessa tentativa de controlar na memória a bagagem literária que adquiria, ele reúne um vasto repertório de leitura e forma em sua mente uma espécie de banco de dados.

Desde que fora acometido pela cegueira, essas leituras são, por meio da memória, constantemente revisitadas e exploradas. O retorno habitual às leituras do passado tem contribuído sistematicamente para com o processo criativo do autor. Até então nada de novo. O que nos chama a atenção, nessa revisão, é o modo como o autor conduz sua memória, a fim de conectar-se constantemente ao passado de quando ainda enxergava. As leituras feitas naquela época são hoje, para ele, matéria prima da sua criação literária.

Fazendo dessas leituras um diálogo persistente com o que escreve, Glauco Mattoso alia-se a um processo intertextual intenso que conduz seus textos. Isso nos leva a pensar sobre a presença constante e direta de outros textos nos textos de Glauco Mattoso. Por esta razão, intencionamos mostrar indícios de que, em decorrência do problema visual, nesse escritor, a intertextualidade surge como recurso criativo. E, exercendo mais que a função de uma ferramenta, ela é decisiva para o processo de criação, para a continuidade da obra, bem como para com a qualidade e credibilidade dessa mesma obra.

A ideia de credibilidade que trazemos aqui é para mostrar que a intertextualidade na obra de Mattoso é também uma intenção do autor de se tornar crível. Mas por que ele necessita se tornar crível?

Acreditamos, a princípio, que Glauco Mattoso é um heterônimo, ou seja, uma nova identidade que assume a personagem literária criada por Pedro José Ferreira da Silva. Entendido isso, a credibilidade que insistimos em apontar é uma possibilidade de solidificação da *persona* Glauco Mattoso enquanto projeto literário. Para que isso aconteça, por meio de uma relação dialógica constante com a literatura, o autor recorre à intertextualidade como forma de sustentar sua própria existência. Para articular o jogo intertextual em seus textos, ele constrói um discurso sexual particular

¹ Este artigo surgiu a partir dos estudos da dissertação de mestrado “A estética do pé sujo: estudo da obra *Manual do podôlatra amoroso*, de Glauco Mattoso”, defendida por Ana Paula Aparecida Caixeta, orientada por Wilton Barroso Filho, aprovada em 29 de janeiro de 2013, pelo Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília.

(como o desejo por pés masculinos), que depõe contra um aparato discursivo e regulador sobre o sexo, do modo como deixa ver Michel Foucault, em *História da sexualidade 1* (2011). Para o filósofo, desde o fim do século XVI e início do século XVII, o discurso sexual foi, silenciosamente, utilizado pelas instituições religiosas, clínicas, pedagógicas que se alternaram ao longo da Era Moderna.

Apontamentos iniciais de intertextualidade

Partindo da definição do termo intertextualidade, desenvolvido por Julia Kristeva (1974), a partir da teoria bakhtiniana sobre dialogismo e ambivalência, é possível se relativizar a intertextualidade nos textos de Glauco Mattoso.

Nossas considerações emergiram da proposta feita pela crítica francesa, em que a intertextualidade é definida como noção de intersubjetividade, ou seja, da relação sujeito X sujeito e/ou sujeito X objeto. Kristeva ainda aponta que todo texto “se constrói como mosaico de citações”, possibilitando a “absorção e transformação de outro texto” (KRISTEVA, 1974, p.64)².

Essas considerações nos fizeram pensar na prosa *glaucomattosiana* como um campo de possibilidades em que o diálogo com outros literatos, outros discursos, outras épocas, cria uma relação do autor com suas leituras armazenadas na memória. Ao absorver outros textos, a prosa *glaucomattosiana* se torna, como aponta Kristeva, um “mosaico”.

Em Glauco Mattoso, a intertextualidade é mais que um exercício de dialogicidade, pois assume aspectos bem particulares que vão muito além das perspectivas conceituais. Em função da limitação física do autor, ela é uma ferramenta necessária. Notamos assim que a constante busca, aproximação e mesmo empréstimo paródico de outros autores e textos resulta não só do caráter crítico ou do eruditismo demonstrados pelo escritor, mas também da divisão de sua obra, feita pelo próprio Glauco Mattoso, em: “fase visual” e “fase cega”.

A fase visual marca o período em que Mattoso ainda

2 Embora ciente da crítica feita por Paulo Bezerra sobre a utilização, algumas vezes, inconveniente, dos conceitos bakhtinianos sobre sentido, significado, enunciado e enunciação, presentes na introdução do livro *Estética da criação verbal* (2003), optamos por citar Júlia Kristeva por ser a principal referência a utilizar o termo “intertextualidade”.

enxergava e produzia poesia visual, como o folhetim datilografado *Jornal Dobrabil*, dentre outros trabalhos poéticos, e também quando escreveu grande parte da sua obra em prosa: o romance *Manual do podólatra amador* (1986), os ensaios *O que é poesia marginal* (1981), *O que é tortura* (1986), *O Calvário das carecas – História do trote estudantil* (1985), além de outros títulos. Já a fase cega é definida como o momento em que, após uma década de silêncio literário devido à cegueira, Mattoso volta a escrever compulsivamente. Nessa fase, além de se dedicar com exímio à composição de sonetos, ele compõe obras como o *Tratado de versificação*³ (2010), escrito e publicado numa era de poesia visual e de verso livre.

Podemos notar claramente que, em Glauco Mattoso, a constante busca pelos textos lidos no passado é decorrente da condição imposta pela cegueira. Assim, observamos que, a intertextualidade na obra do autor possui diversas funções. De imediato vemos duas atribuições. Primeiro, percebemos que ela existe em decorrência de uma necessária relação com o passado. E, segundo, na obra desse literato, o intertexto é reivindicado ainda com a intenção de solidificar e sustentar não só a imagem do escritor Glauco Mattoso, mas também estabelecer um diálogo de suas leituras com seus próprios escritos, numa espécie de “autointertextualidade”.

Ainda que não expresse verbalmente, no interior do que escreve e diz, o escritor deixa entrever que, o intertexto e, principalmente, o autotexto, auxiliam na perpetuação do que ele mesmo denomina como fase visual. Chamamos aqui de autotexto a “autointertextualidade”, ou seja, a evocação de textos do próprio Glauco Mattoso em outros textos seus. A noção de autotextualidade, retiramos do livro *Intertextualidade – Diálogos possíveis* (2008, p.18).

Para representar melhor essa questão, evocamos o autotexto presente em seu último livro de contos, *Tripé do tripúdio* (2011), que compõe a prosa ficcional do autor. Nesse livro, os contos são escritos a partir de sonetos de Glauco Mattoso já publicados. Abaixo, exporemos um trecho de um dos contos, de título “O desocupado”, seguido da primeira estrofe do soneto “#583 Desocupado”, a qual o conto se refere.

3 Antes de ser publicado em formato de livro, o tratado trazia o título original *O sexo do verso: machismo e feminismo na regra da poesia*. Esse tratado aponta que existem dois pontos de vista quanto à versificação lusófona: o masculino e o feminino. Nessa obra, a intenção de Glauco Mattoso é, também, a de revalorizar a escrita do poema metrificado.

A mim o que chamava atenção era a sandália havaiana que ele não tirava do pé. [...] Sexo e poder marchavam juntos, simbolizados, para mim, nas solas pisando caras, de preferência a minha cara. (MATTOSO, Tripé do tripúdio, 2011: 10-11)

*

*Lamber-lhe as havaianas no solado;
também lamber por cima, descalçadas
apenas com a boca. Ouvir risadas.
A tanto é que forçado fui, vexado⁴.
(MATTOSO, Sonetodos, 2002)⁵*

Essa atitude autotextual, ou intratextual, é uma ação eternizadora do que já foi escrito, evocando um tempo passado, sustentando as “memórias de cego” de Glauco Mattoso. Sua memória de cego é amparada pela memória visual. E para que a memória visual se torne viva na memória presente, o próprio autor se utiliza de artifícios que o assegurem quanto ao espaço visual, que agora está oculto. Por uma atitude de reconhecimento de espaço, sua memória visual é retomada e representada por meio de sonetos. Assim, o autor cria um modelo espacial a ser preenchido, cuja visão não lhe fará falta, dando-lhe total domínio, ao escrever, do espaço da folha em branco (domínio do espaço representado pelos quatorze versos dos soneto).

O intertexto é, em suma, o elo dialógico entre o Glauco Mattoso da fase visual e o Glauco Mattoso da fase cega. Mas, além de permitir o contato do autor com o passado, de certa forma auxiliar na perpetuação da fase visual do escritor, cada vez temos mais clara a percepção de que a intertextualidade em Glauco Mattoso tem como função fornecer credibilidade à sua obra.

Em geral, o diálogo com o intertexto na obra desse escritor é conduzido por um discurso sexual que se encontra totalmente fora dos territórios considerados normais pelos padrões sociais vigentes. Enquanto escritor, ele se coloca fora das normas, regras, princípios e valores éticos, morais e sociais. Sendo assim, Mattoso necessita do diálogo

4 É preciso esclarecer que os textos de Glauco Mattoso estão em desalinho com a ortografia oficial, porque o próprio autor adotou os princípios etimológicos utilizados do período clássico até a década de 1940, demonstrando uma atitude de confronto com o acordo ortográfico vigente.

5 Disponível em < <http://sonetodos.sites.uol.com.br/> >

intertextual, sobretudo, porque pelo teor transgressor, corrosivo e, muitas vezes, inaceitável do conteúdo de seus textos ele precisa se fazer crível, em outras palavras, ele precisa se integrar a projetos já legitimados pelo cânone literário. Nesse sentido, as leituras armazenadas na memória do autor formam uma espécie de referencial teórico e literário necessário para continuar a produzir. Tais leituras permitem ao escritor não só dialogar com outros textos, mas contestá-los, criticá-los, e, principalmente continuar seu trabalho estético dentro de um projeto maior: a Literatura, especialmente, a Literatura Moderna⁶.

Dessa maneira, ao colocar sua escrita em diálogo com outros textos, Mattoso estrategicamente nega ou recusa qualquer ideia que procure ver sua escrita enquanto parte de um projeto pessoal e particular. A aproximação com um projeto literário considerado de maior envergadura, lhe permite credibilizar, junto ao leitor, um discurso extremamente arriscado, que se pretende diferente, transgressor, e que tem por princípio chocar, desestabilizar.

Sua escrita se enquadra num contexto literário erudito, cujas influências vão de Marquês de Sade a Pitigrilli, justificando os rótulos do heterônimo Glauco Mattoso: podólatra, masoquista, poeta maldito, etc.. Essa ação dialoga com uma literatura cujo discurso sexual, contextual da época, se mantinha polido e resguardado, numa negação da sexualidade humana. A intenção de Mattoso é justamente quebrar com esse discurso, por meio da insistente retomada de “transgressores literários” antigos. Ao recuperar esses autores, Glauco Mattoso desconstrói, dentro do próprio texto, a ideia de transgressão literária, pois, na medida em que recupera uma literatura “maldita”, “libertina”, “infratora”, ele ironiza a hegemonia de valores,

6 O que chamamos aqui de “Literatura Moderna” está conduzido por uma ideia de literatura que se desenvolveu a partir final do século XVI e início do século XVII - período em que, para muitos estudiosos, esboçam-se os primeiros traços da modernidade. Entendendo que essa época destaca a transição entre o medieval e moderno, é também nesse momento que autores como Gregório de Matos (datado no período colonial) apontam um conflito fundamental entre viver os prazeres terrenos e permanecer na fé. Principalmente, ao evocar a expressão “Literatura Moderna”, pensamos na proposta do autor Glauco Mattoso em dialogar com literatos transgressores em diversos contextos, como Marquês de Sade, cuja intenção literária permitia uma quebra de discurso de poder.

desestabilizando conceitos de uma literatura clássica.

Pensando na escrita de Mattoso, ocorreu-nos a seguinte pergunta: seria a intertextualidade uma ação crível para a literatura? Entendendo que na literatura não importa o verdadeiro ou falso, pois ela tem sua própria verdade, a definição de uma realidade factual é irrelevante. Mas quando o texto literário está, insistentemente, ligado à relação autobiográfica do autor, essa verdade ultrapassa o contexto de literatura, pois ganha “existência real fora da escritura” (GALLE, 2006: 65). Ao ultrapassar o campo literário, a noção de verdade deixa de ser própria do romance, buscando, fora do contexto fictício, outros conceitos de “verdade”.

Galle (2006) aponta que a escrita autobiográfica permite ao texto “estabelecer referências a uma realidade externa ao texto” (p. 65). Ao pensar que a escrita intertextual de Glauco Mattoso é também uma ação confessional, uma “verdade” exposta em sua literatura vai se solidificando. Na medida em que o autor compõe seus escritos por meio de uma relação direta com sua existência, ele constrói um discurso crível. Em suma, Glauco Mattoso cria sua própria verdade que justifica sua existência.

A obra desse autor é uma amostra de uma luta entre “verdade” (externa ao texto) e ficção, pois está diretamente ligada a um discurso confessional que a conduz à representação de realidade. Nesse jogo, o autor manipula, por meio da intertextualidade, uma linguagem com caráter justificativo, buscando credibilidade constante naquilo que narra, em prol de sua existência, ou seja, a personificação e credibilização do heterônimo Glauco Mattoso.

O que mais denuncia sua atitude confessional é a podolatria defendida por esse autor. Quando identificamos elementos⁷ formais que o conduziram à exploração do desejo por pés no contexto literário, notamos que essa ação o faz construtor de uma necessidade de expor suas sensações, criando assim, uma estética própria. Podemos perceber, então, que a exposição do desejo particular de Mattoso, como instância literária/heterônimo, é um indício de que ele está se procurando, numa tentativa de aproximação do

real, em que é necessário sustentar-se como personagem para realizar/expor o fetiche por pés. A busca dessa realização é materializada por meio de um diálogo de textos cuja temática está diretamente ligada à sua interpretação pessoal de podolatria, escatologia, sadomasoquismo, desumanismo, etc.. Para Glauco Mattoso, a realização dessa fantasia, por meio da literatura, faz com que seu desejo se torne real, passando a ser uma característica do autor, dentro e fora do texto.

Pensando nisso, acreditamos que, entre os vários já citados, a intertextualidade seja também um meio de transportar (ou transformar) Pedro em Glauco Mattoso, por meio de uma constante conexão com o passado. Esse “transporte” decide um novo presente para o contexto da obra. É um presente falseado, pois a obra de Glauco Mattoso, insistentemente representada pela figuração do pé enquanto objeto de desejo, é uma reconfiguradora do passado, atribuindo a ele, o passado, um novo presente. Isso permite uma diferença entre aparência e realidade. Uma relação entre vivência X aparência.

Essa aparência é a representação daquilo de que Mattoso se apropria. Por isso, é preciso pensar a originalidade e autonomia de Glauco Mattoso. Em que está sua originalidade? Ela existe justamente por brincar com a noção real de originalidade e autonomia, por meio da intertextualidade – o que pode ser compreendido em diversos textos seus, como a paródia *A planta da donzela* (2005). Por exemplo, ao reconstruir o texto de José de Alencar, ele deturpa a ideia de autoria, pois se utiliza de citações, entre aspas, do texto romântico, mas que, ao serem comparadas, diferem do texto original. Isso desestabiliza concepções de autoria e dá a Mattoso a possibilidade de apropriação de enunciados alheios – ação característica do autor, inaugurada no *Jornal Dobrasil* (1977-1981).

Em suma, Glauco Mattoso escolhe estar preso pela intertextualidade numa fuga do presente, fazendo dessa ação o elo de acesso livre entre sua fase visual e cega, que permite eternizar sua memória literária.

Por meio dessas proposições apreendidas, acreditamos que a intertextualidade em Glauco Mattoso é uma forma de credibilização desse heterônimo, autorizando-o à manipulação das leituras revisitadas pela memória, sustentadas por um discurso sexual.

⁷ Na dissertação *A “Estética do pé sujo”: Estudo da obra Manual do podolatra amador*, foi exposta a estética criada pelo autor a partir da sua relação com um objeto de desejo, os pés, sustentada por elementos formais que conduzem o romance por meio do que chamamos de “ideia fixa”.

Pensando que a intertextualidade é uma atitude humana, proveniente da relação do eu com o outro, ou seja, não só da relação dos textos, mas de um princípio dialógico de linguagem e cognição, essa ação torna-se uma constante.

A noção de intertextualidade trazida por Julia Kristeva defende que a característica intertextual não está somente ligada ao texto literário, mas em qualquer linguagem, verbal ou não verbal, sem que haja necessidade direta de se definir concepções de autoria. Com essas constatações, Kristeva abre novos campos para discussão no que concerne ao estudo do texto, principalmente por ela levantar a questão da quebra de hegemonia autoral. Para a crítica, o texto possibilita a presença, explícita ou não, da interferência e influência de outros textos.

Ao propor apresentar a prosa ficcional desse autor, composta pelas cinco obras mencionadas, afirmamos que, dos textos escolhidos, todos possuem características dialógicas, intertextos concisos, que vão desde a relação de textos, à desconstrução da ideia de autoria.

Por ordem de publicação, pensando na sequência de “fase visual” e “fase cega”, o primeiro texto a ser comentado aqui é o *Manual do podólatra amador*⁸ (2006). Este livro é uma narrativa com elementos autobiográficos e características paródicas; um texto que conta a história de Glauco Mattoso, narrada por ele mesmo – relembrando que Glauco Mattoso, para nós, é um heterônimo. O texto possui característica memorialística e é conduzido, todo o tempo, por um discurso sexual que tem como temática o desejo por pés masculinos sujos, fétidos. O cheiro, o gosto, o espaço, a condição, tudo corrobora para a consolidação de cenas fetichistas criadas pelo autor-narrador-personagem.

A ideia de um autor-narrador-personagem é solidificada pela compreensão de que, a obra de Glauco Mattoso é escrita pelo heterônimo Glauco Mattoso, que está constantemente presente, não só no romance citado, mas em diversos outros textos seus, fazendo-se, além de autor, narrador e personagem. Isso faz com que a escrita glaucomattosiana carregue, constantemente, uma característica confessional.

⁸ Publicado pela primeira vez em 1986, com o termo “pedólatra” no lugar de “podólatra”. Aqui utilizamos como parte do *corpus* de análise a segunda edição (2006).

Um autor não é uma pessoa. É uma pessoa que escreve e publica. Inscrito, a um só tempo, no texto e no extratexto, ele é a linha de contato entre eles. O autor se define como sendo simultaneamente uma pessoa real socialmente responsável e o produtor de um discurso. (LEJEUNE, 2008: 23)

O processo autoral em Mattoso, solidificado por meio de citações diversas que vão dando referência à autobiografia, sustenta a ideia do heterônimo e, por sua vez, a escrita confessional. Por essa razão, o livro *Manual do podólatra amador* ainda é entendido por muitos como uma “verdade”, ou seja, a autobiografia de Glauco Mattoso, sem levar em consideração a questão do heterônimo. Lejeune afirma que a “autobiografia é o gênero literário que, por seu próprio conteúdo, melhor marca a confusão entre autor e pessoa, confusão em que se funda toda a prática e a problemática da literatura...” (2008: 33). A autobiografia, por si só, é uma mistura entre o escritor/autor e a pessoa, mas, principalmente, é uma insistente possibilitadora da relação entre ficção e realidade.

O *Manual do podólatra amador* é uma narrativa que segue em meio a quebras de diálogos que são misturados com outros discursos acerca de temas ligados à sexualidade, principalmente, ao sadomasoquismo. Isso dá à obra um caráter de tese, solidificando o discurso a partir do diálogo com outros textos.

A proposta de tese, nesta obra do autor, comunga com a ideia de um “romance que pensa”, ou seja, uma narrativa em caráter filosófico, onde questões, principalmente da condição humana, são refletidas, discutidas e dialogadas com a própria narrativa. Isso é algo recorrente na literatura, tendo grandes representantes como Herman Broch, Milan Kundera, Carlos Fuentes e Machado de Assis⁹. Quando mencionamos o termo “romance que pensa”, estamos pautados numa ideia de estrutura formal e reflexiva dentro do romance, que possibilita uma provocação filosófica coerente sobre a existência humana (PAULINO, 2006).

Para elucidar essas proposições, apontamos um trecho da história que revela referências textuais que dialogam com a narrativa:

⁹ Estes autores são estudados por uma visão epistemológica, pelo grupo Epistemologia do romance, coordenado por Wilton Barroso Filho.

Falsa modéstia à parte, nunca fui tão precoce como o Henfil, que, segundo Wilma Azevedo, aos dois aninhos tinha fixação em pés femininos e aos seis se masturbava de cinco a sete vezes por dia. Um dos meus primeiros contatos teóricos com o assunto sexo foi um livro ridículo, dum analista americano, caretíssimo, chamado Frank Caprio.
(MATTOSO, 2006: 16-17)

Os três nomes citados, Henfil, Wilma Azevedo e Frank Caprio são só uma mínima amostra do diálogo textual existente no *Manual do podólatra amador*. Outros nomes são lembrados, como o de Marquês de Sade e Sacher-Masoch, ambos referidos com frequência no decorrer da narrativa. Especialmente, Sade e Masoch aparecem como possibilidade de diálogo para com o desejo pessoal de Glauco Mattoso, principalmente ao se referenciar à podolatria numa associação sadomasoquista: “...nem Sade nem Masoch em pessoa deram destaque ao pé em suas maquinações” (MATTOSO, 2006: 99)

O romance de Glauco Mattoso faz, também, uma ironia aos gêneros memorialísticos, textos de autoajuda e manuais de educação sentimental e sexual.

A característica intertextual, jocosa, fragmentada, presente nesse romance, estende-se por outras obras, como a HQ *As aventuras de Glaucomix, o pedólatra* (1990).

A revista em quadrinhos é uma releitura do *Manual do podólatra amador*, feita em parceria com o desenhista Marcatti. Na HQ, as histórias mais relevantes, contidas no romance de Mattoso, são agora recontadas e representadas por desenhos. É uma revista curta, condensada e as narrativas envolvem a infância de Glauco Mattoso até a fase adulta, passando por episódios marcantes, contados no romance, como o *bullying* no colégio e a “massagem linguopedal”.

O quadrinho começa com uma apresentação da repercussão que o *Manual do podólatra amador* obteve quando publicado, apontada por meio de citações de jornais de grande circulação. Essa introdução é indicada pelo título “*Quando saiu o livro, a imprensa até que reagiu favoravelmente...*” (1990, sem indicativo de página). Seguem algumas chamadas citadas no quadrinho:

Folha da tarde

Escritor confessa: é tarado por pé de homem
Mattoso, uma poética radical voltada para o pé
*

Folha de São Paulo

A cultura da escatologia

Glauco Mattoso, misturando literatura e realidade
(MATTOSO E MARCATTI, 1990, grifo meu)

A HQ ainda faz referência paródica a gibis americanos, brasileiros e franceses, com uma intenção de comparação, por meio de uma quebra de sequência da história. Inclusive, quando essa quebra é feita, no final dos capítulos, a frase de título é: “*Enquanto isso, noutros gibis...*” (MATTOSO E MARCATTI, 1990). Essa ação traça um diálogo irônico com outras histórias em quadrinhos, submetendo-as, forçosamente, a uma aproximação com a temática podólatra de Glauco Mattoso.

Assim como o *Manual do podólatra amador*, o romance *A planta da donzela* (2005), paródia de *A pata da gazela*, de José de Alencar (1870), faz-se necessário para uma compreensão da ação intertextual na prosa de Glauco Mattoso.

A escolha por parodiar um romance de Alencar não foi feita aleatoriamente. Segundo Mattoso, o texto do escritor romântico é uma “confissão” sutil de seu gosto particular: o desejo por pés femininos. Mattoso aponta, em *A planta da donzela* (2005), no capítulo introdutório “Pé de conversa” (p.9-10), que o livro de José de Alencar “pretende expor uma tese, e pra isso traça o caráter dos personagens da forma mais estereotipada e simbólica: cada um com sua carga moral, avaliada pela cômoda balança do maniqueísmo”. (MATTOSO, 2005: 10)

A justificativa para parodiar o romance desse escritor, Mattoso a expõe, em *A planta da donzela*, da seguinte maneira:

...minha crítica ao moralismo de Alencar sugeria a necessidade duma refutação mais prática e exemplar, que questionasse o argumento ético (de que o fetichismo não passaria de mero capricho ou fogo de palha) e sustentasse o argumento estético (de que tamanho não é documento se a atração erótica for mais forte que as aparências), mas sobretudo contestasse o argumento machista (de que somente o pé feminino seria digno de atenção) — refutação que ora se materializa sob a forma deste romance

Até então, nota-se a constante necessidade intertextual que o escritor Glauco Mattoso demonstra ao relacionar diretamente seus textos com outros textos. Isso não será novidade na continuidade da escrita glaucomattosiana – também dotada de um discurso sexual, que tem como fio condutor, além da sexualidade e cegueira do autor, o fetiche por pés. Ao se utilizar desse discurso, Mattoso assume a obrigação de dizer suas particularidades sexuais, ao mesmo tempo em que depõe contra a institucionalização do discurso do sexo. O que para Foucault (2011) é a confidência da prolixidade do discurso sexual; em Glauco Mattoso, essa prolixidade se inverte contra a hegemonia do poder e se abre para uma liberdade individual de discurso.

Em seu primeiro livro de contos, *Contos Hediondos* (2008), Glauco Mattoso assume uma nova característica de sua escrita: o que ele chama de “desumanismo”. Composto por oito histórias, o livro aponta o “contraste convívio entre civilização e barbárie, entre cidadania e vilania.” (2009, sem indicativo de página). Além disso, a obra é uma publicação que reúne escritos de Glauco Mattoso da “fase visual” e “fase cega”.

Como referência intertextual, dois contos se destacam: “O podomante” – como uma releitura do conto de Machado de Assis, “A cartomante” – e “A menina dos olhos”, como releitura de “Pela luz dos olhos teus”, de Vinícius de Moraes.

As releituras feitas por Mattoso, publicadas em *Contos hediondos*, são, novamente, um referencial de articulação memorialística em torno das leituras armazenadas na memória. Essa articulação é também uma associação à necessidade de Glauco Mattoso em se firmar como personagem literário, pois o possibilita a uma ideologia própria, que lhe permite moldar uma identidade a partir da narração. Essa ação da memória em influenciar na formação de uma identidade parte de intervenções alegóricas, imagéticas, representativas da ação, em que

[...] a memória é incorporada à constituição da identidade por meio da função narrativa. A ideologização da memória torna-se possível pelos recursos de variação oferecidos pelo trabalho de configuração narrativa. E como os personagens da narrativa são postos na trama simultaneamente à história narrada, a configuração narrativa contribuiu para modelar a

identidade... É mais precisamente a função seletiva da narrativa que oferece à manipulação a oportunidade e os meios de uma estratégia engenhosa que consiste, de saída, numa estratégia do esquecimento tanto quanto da rememoração. (RICOEUR, 2007, p. 98)

De acordo com o que propõe Ricoeur (2007), é possível fazer uma analogia com a ação de Glauco Mattoso ao construir seu heterônimo e fazer dele parte de seu projeto literário. Pois a partir do momento em que Mattoso se sente fora do contexto social, seja pela questão da cegueira ou da sexualidade, isso o coloca em uma constante busca de autoafirmação. A memória manipulada de Glauco Mattoso pode ser um reforço identitário. Para Ricoeur, esse tipo de memória é frágil e se aproxima muito da imaginação, já que

[...] é na problemática da identidade que se deve agora buscar a causa de fragilidade da memória assim manipulada. Essa fragilidade se acrescenta àquela propriamente cognitiva que resulta da proximidade entre imaginação e memória, e nesta encontra seu incentivo e seu adjuvante. (RICOEUR, 2007: 94)

Em suma, a escrita de Glauco Mattoso se mostra constantemente ligada à memória. Mas, mais do que uma representação da leitura de quando ainda enxergava, sua literatura é fortemente marcada pela ação autotextual. Essa ação permite uma aparência de linha contínua da produção glaucomattosiana, podendo ser confirmada ao se constatar que, o que Glauco Mattoso leu gerou o que Glauco Mattoso escreveu que gera o que Glauco Mattoso escreve.

O discurso sexual adotado pelo autor está em conflito direto com um discurso sexual silenciado, como explica Foucault. Para que haja esse confronto, ou seja, uma quebra de discursos, Glauco Mattoso evoca outros literatos de intenção parecida: ir contra a hegemonia da razão moderna em relação à moral e aos bons costumes. Em toda a prosa glaucomattosiana, o autor quebra o discurso moderno criado pela burguesia e retira o tema “sexo” dos locais autorizados, expondo-os cruamente por meio de suas narrativas.

Segundo Foucault (2011), o sexo, desde o século XIX, passa por uma fase de transição e vem sendo moldado por uma nova sociedade: a burguesia. O tema sexo deixa de ser uma ferramenta apenas de controle da Igreja e passa a ser

uma arma de poder nas mãos dessa nova classe social. Ao restringir as ações definidas como “ilegítimas”, a burguesia também visa o controle, propondo um discurso modelado que intenciona dizer a “verdade” sobre o sexo.

Ao se falar a “verdade” no contexto da sexualidade, o que se aplica a ela é estar dentro dos padrões morais, sociais e religiosos. O que se encontra fora disso é considerado aberração e foge aos parâmetros da sexualidade dita normal. Mas para que essas condutas se encaixem na sociedade, é necessário, primeiro, conduzi-las por meio de uma ação de poder que visa controlar a sexualidade em todos os aspectos. Foucault aponta que,

Realmente: as sexualidades múltiplas — as que aparecem com as idades (sexualidade do lactente ou da criança), as que se fixam em gostos e práticas (sexualidade do invertido, do gerontófilo, do fetichista...), as que investem difusamente no relacionamento (sexualidade da relação médico-paciente, pedagogo-aluno, psiquiatra-louco), as que habitam os espaços definidos (sexualidade do lar, da escola, da prisão) — todas constituem o correlato de procedimentos precisos de poder. (FOUCAULT, 2011: 55)

Falar de desejos pessoais, fantasias sexuais, relações homossexuais etc., é transgredir os conceitos de uma sexualidade aceita pela sociedade. É neste ponto que Glauco Mattoso chega, com a intenção de quebrar com essa noção de “discurso correto sobre sexo”. Mas para que haja uma quebra, Mattoso transita entre uma fase conflituosa que se encaixa entre a modernidade e pós-modernidade, resgatando um estilo de discurso sexual e deturpando-o, ao mesmo tempo.

Para compreender essa transição entre um discurso moderno e pós-moderno, Linda Hutcheon se faz essencial. A escritora propõe que uma forte característica do pós-modernismo está na evocação do passado (p.20). O que possibilita compreender o porquê da revisitação de leituras, feita por Glauco Mattoso, estar constantemente presente em seus textos, numa reprodução do discurso sexual moderno.

Há uma série de novos discursos sobre sexo sendo aplicados, justamente pela característica de uma sociedade cientificista. Essa proliferação de discursos sexuais foi uma arma do próprio poder com a intenção de manipular a

sexualidade humana.

[...] formular em termos de repressão as relações do sexo e do poder: é o que se poderia chamar o benefício do locutor. Se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada. (FOUCAULT, 2011: 12)

Portanto, é partindo da análise da produção ficcional de Glauco Mattoso, com a proposta de refletir sobre as formas, os significados e estruturas de construção desses textos que se chega ao discurso transgressor do autor, descrito como um discurso sexual.

Por esta razão, confirmamos que existe, nos textos glaucomattosianos, uma linha epistemológica prévia que conduz sua prosa ficcional, promotora da interação de discursos narrativos. Dentro de um sistema complexo, praticamos um estudo dos diferentes processos de construção do literário, colocando em evidência olhares diversos e aparentemente dispersos, de como as reflexões sobre a política, os costumes e a condição humana, de uma forma geral, podem trocar de papéis, dependendo do lugar e da maneira como as olhamos. Para que essas interações possam ser realizadas, é importante romper com as tradicionais fronteiras disciplinares, sejam estas epistemológicas, éticas, estéticas e hermenêuticas das narrativas; bem como transgredir com as classificações da História da Literatura. Na perspectiva da conjugação de diferentes saberes, podemos provocar uma crescente complexidade de análises interpretativas das questões diversas, dentro de um objeto comum entre os textos confessionais de Glauco Mattoso. A Epistemologia do Romance aparece como um lugar onde as éticas são estéticas e as estéticas são éticas, desde que sejam desnudadas pela hermenêutica literária.

Falar de sexo é transgredir. Glauco Mattoso é um transgressor. Ao falar de sexo de maneira deliberada, Mattoso busca por uma liberdade, por uma autonomia do próprio corpo e do próprio desejo, que, para ele, só pode ser alcançada por meio da literatura.

Entender a escrita desse autor nos conduz a uma proposta de reflexão sobre as formas, os significados e estruturas de construção da ficção no mundo moderno.

Para tanto, alguns aspectos abordados por ele e comentados por nós, dentro da prosa ficcional de Mattoso, são de suma importância: a construção memorialística e a presença de elementos confessionais, a intertextualidade, a cegueira e o discurso sexual; todos esses aspectos compõem um projeto literário criado e conduzido pelo autor por meio de seus textos ficcionais.

Entendemos, portanto que, há, nos textos aqui destacados, uma linha epistemológica prévia para pensar a existência de um fundamento desses textos ficcionais e a interação de discursos narrativos por um processo intertextual recorrente.

Glauco Mattoso nos apreende dentro do seu sistema de escrita, conduzido por diferentes processos constitutivos do texto literário, mas envolvidos por uma temática transgressora e dialógica.

Trabalhar em busca de evidências, dentro e fora do texto, nos possibilita olhares diversos e reflexões sobre aspectos minuciosos envolvidos na ficção glaucomattosiana. Assim, o contexto da condição humana, no caso do Glauco, da cegueira e do desejo por pés, insistentes fomentadores do discurso do autor, indicam o caminho contínuo seguido por ele para a consolidação do que acreditamos ser seu projeto estético maior: a *persona* Glauco Mattoso.

Nossas investigações iniciais, desenvolvidas por aspectos epistemológicos dentro da narrativa literária, permite que interações possam ser realizadas a fim de romperem com as tradicionais fronteiras disciplinares, bem como infringir com as classificações da História da Literatura. Isso nos propõe uma sensibilidade maior dentro do processo investigativo.

Trabalhar com uma perspectiva da conjugação de diferentes saberes, envolvidos na construção glaucomattosiana, é provocar crescente complexidade de análises interpretativas de questões transgressoras que, por diversos aspectos, poderiam ser negligenciadas – ainda mais quando sustentadas por um discurso sexual, como nos textos desse autor.

Compreendemos assim que, incitar a construção da *persona* Glauco Mattoso como heterônimo é confirmar que existe, por trás de Pedro José Ferreira da Silva, um projeto estético que transita entre a ficção, prosa ou poesia, e autoriza discursos transgressores em contextos improváveis, sem o

compromisso de uma realidade externa ao texto literário.

Entendemos por *transgresso* o disciplinar que se amplia para dar conta das diferenças e das semelhanças; também do cuidado e cultura de si que se transforma em entendimento do “outro” e as identidades transnacionais.

O desafio do nosso texto está em integrar estas diversas manifestações discursivas, envolvidas com elementos confessionais, que transitam entre o texto e o que está externo ao texto glaucomattosiano. Numa tentativa de conceituar o processo de construção literária de Glauco Mattoso é que, por um olhar estético, ético e hermenêutico, buscamos o fundamento epistemológico que observa essas principais características processuais, conduzindo-nos e promovendo em nós um olhar que ultrapassa dimensões culturais, éticas, religiosas, sociais...

Somos direcionados pela sensibilidade e é ela que nos autoriza o olhar de leitores-pesquisadores da obra desse artista definido como transgressor.

Referências

- MATTOSO, Glauco. **A planta da donzela**. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2005.
- _____. **Contos hediondos**. São Paulo: Annablume editora, 2008.
- _____. **O Manual do podólatra amador: aventuras & leituras de um tarado por pés**. São Paulo: All Books, 2006.
- _____. **Tripé do tripúdio e outros contos hediondos**. São Paulo: Tordesilhas, 2011.
- _____. e MARCATTI. **As aventuras de Glaucomix, o pedólatra**. São Paulo: Ed. Expressão, 1990.
- ALENCAR, José de. **A pata da gazela**. São Paulo: Ática, 1984.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Trad. de Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BARROSO, Wilton. **Elementos para uma Epistemologia do Romance**. In Colóquio: Filosofia e literatura, 2003, São Leopoldo. Usininos.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. (Trad. Waltensir Dutra). São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I – A vontade de saber**. (Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque). São Paulo: Edições Graal, 2011.

GALLE, Helmut. **Elementos para uma nova abordagem da escritura autobiográfica**. In Matraga. PPG-Letras/UERJ: 2006.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

KOCH, Ingedore G. Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade – Diálogos Possíveis**. São Paulo: Cortez, 2008.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. (Trad. Lúcia Helena França Ferraz) São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Org. Jovita M.G. Noronha. (Trad. Jovita M.G. Noronha e Maria Inês C. Guedes) Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LIMA, Rogério da Silva. **O dado e o óbvio: o sentido do romance na pós-modernidade**. Brasília: EDU/Universa, 1998.

MATTOSO, Glauco. **Jornal Dobrabil**. 2ª Ed. (fac-similar) São Paulo: Iluminuras, 2001.

MINOIS, George. **História do riso e do escárnio**. (Trad. Maria Elena Ortiz Assumpção) São Paulo: Editora UNESP, 2003.

PAULINO, Itamar Rodrigues. **Um olhar sobre a degradação dos valores humanos a partir da obra “Os sonâmbulos”, de Hermann Broch**. Tese (Doutorado em Filosofia), Universidade de Brasília, Brasília: 2006.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

Outras publicações dos autores

CAIXETA, A. P. A. ; BARROSO FILHO, W. . Glauco Mattoso e a “estética do pé sujo” em Manual do Podólatra Amador. In: XIV Congresso Internacional de Humanidades “Palavra e Cultura na América Latina: Heranças e desafios”, 2011, Brasília/DF. XIV Congresso Internacional de Humanidades “Palavra e Cultura na América Latina: Heranças e desafios”, 2011.

CAIXETA, A. P. A. . O escárnio nas aventuras de um tarado por pés - Estudo epistemológico em Manual do Podólatra Amador, de Glauco Mattoso. In: III Colóquio de Pós-Graduação em Letras: Literatura e Vida Social, 2001, Assis/SP. III Colóquio de Pós-Graduação em Letras: Literatura e Vida Social, 2011.

BARROSO FILHO, W. Carlos Fuentes et Milan Kundera: le lieu de l'amitié intellectuelle entre deux écrivains périphériques des temps modernes, GIRAFFE, Université de La Rochelle, 2013.

BARROSO FILHO, W, BARROSO, M.V. e PAULINO, I. A

questão do narrador e as duas insustentáveis levezas do ser: o romance e o livro, Todas as Letras, v.12, p.66-77, 2012.

BARROSO FILHO, W. Há certeza na incerteza?, História, Ciência, Saúde, Manguinhos, v.18, pp. 262-264, 2011.

BARROSO FILHO, W. e BARROSO, M. V. A emergência da entidade D. Juan na obra de Milan Kundera, Revista da ANPOLL, v.28, pp. 285-320, 2010.

BARROSO FILHO, W. e LIMA, R. Charles Morazé e o caráter fantástico do Brasil, Descobridores do Brasil, José Luís Jobim (ORG), UERJ, 2011